

CARTOGRAFIAS POÉTICAS EM O TURISTA APRENDIZ E REMATES DE MALES, DE MÁRIO DE ANDRADE: UMA LEITURA CRÍTICA DOS MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO

POETIC CARTOGRAPHIES IN O TURISTA APRENDIZ AND REMATES DE MALES, BY MÁRIO DE ANDRADE: A CRITICAL READING OF MODES OF SPATIAL REPRESENTATION

CARTOGRAFÍAS POÉTICAS EN EL APRENDIZ DE TURISTA Y REMATE DE MALES, DE MÁRIO DE ANDRADE: UNA LECTURA CRÍTICA DE LOS MODOS DE REPRESENTACIÓN DEL ESPACIO



10.56238/edimpecto2025.090-074

Denilson Lima Santos

Professor Adjunto

Instituição: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) -
Campus dos Malês

RESUMO

Este estudo analisa a relação entre literatura, viagem e imaginário amazônico na obra modernista de Mário de Andrade, com foco em *O turista aprendiz* e *Remate de Males*. Parte-se da compreensão da viagem ao Norte do Brasil, na década de 1920, não apenas como deslocamento geográfico, mas como experiência estética, cultural e intelectual que fundamenta um projeto literário de reinvenção do Brasil. A pesquisa examina como elementos da cultura amazônica — paisagens, povos, práticas e tensões históricas do Alto Solimões — são incorporados e reelaborados na prosa de viagem e na poesia, configurando uma cartografia sensível que articula o local e o universal. Amparado em contribuições teóricas de Antonio Candido, Paul Ricoeur e Ana Pizarro, o trabalho considera a obra literária como um sistema vivo, no qual autor, obra e público se inter-relacionam. Conclui-se que Mário de Andrade constrói uma representação da Amazônia que ultrapassa o registro etnográfico ou turístico, transformando-a em matéria poética e espaço simbólico de reflexão sobre identidade, alteridade e nação, ampliando as fronteiras da literatura modernista brasileira.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Modernismo Brasileiro. Amazônia. Literatura de Viagem. Imaginário Amazônico. Cartografia Poética.

ABSTRACT

This study analyzes the relationship between literature, travel, and the Amazonian imaginary in the modernist work of Mário de Andrade, focusing on *The Apprentice Tourist* (*O turista aprendiz*) and *Remate de Males*. The journey to Northern Brazil undertaken in the 1920s is understood not merely as a geographical displacement, but as an aesthetic, cultural, and intellectual experience that underpins a literary project aimed at reinventing Brazil. The research examines how elements of Amazonian culture—landscapes, peoples, practices, and the historical tensions of the Upper Solimões region—are incorporated and reworked in travel prose and poetry, shaping a sensitive cartography that articulates the local and the universal. Grounded in the theoretical contributions of Antonio Candido, Paul



Ricoeur, and Ana Pizarro, the study conceives the literary work as a living system in which author, text, and reader are interconnected. It concludes that Mário de Andrade constructs a representation of the Amazon that goes beyond ethnographic or touristic records, transforming it into poetic matter and a symbolic space for reflecting on identity, otherness, and nationhood, thereby expanding the boundaries of Brazilian modernist literature.

Keywords: Mário de Andrade. Brazilian Modernism. Amazon. Travel Literature. Amazonian Imaginary. Poetic Cartography.

RESUMEN

Este estudio analiza la relación entre la literatura, los viajes y el imaginario amazónico en la obra modernista de Mário de Andrade, centrándose en **O turista aprendiz** y **Remate de Males**. Comienza con la comprensión del viaje al norte de Brasil en la década de 1920 no solo como un desplazamiento geográfico, sino también como una experiencia estética, cultural e intelectual que sustenta un proyecto literario de reinvenición de Brasil. La investigación examina cómo elementos de la cultura amazónica —paisajes, pueblos, prácticas y tensiones históricas del Alto Solimões— se incorporan y reelaboran en la prosa y la poesía de viajes, configurando una cartografía sensible que articula lo local y lo universal. Con el apoyo de las contribuciones teóricas de Antonio Candido, Paul Ricoeur y Ana Pizarro, el trabajo considera la obra literaria como un sistema vivo en el que autor, obra y público se interrelacionan. Se concluye que Mário de Andrade construye una representación de la Amazonia que trasciende los registros etnográficos o turísticos, transformándola en material poético y un espacio simbólico para la reflexión sobre la identidad, la alteridad y la nación, ampliando así los límites de la literatura modernista brasileña.

Palabras clave: Mário de Andrade. Modernismo Brasileño. Amazonia. Literatura de Viajes. Imaginario Amazónico. Cartografía Poética.

1 INTRODUÇÃO

O encontro entre literatura e experiência de viagem constitui um dos eixos centrais da produção modernista de Mário de Andrade, especialmente nas obras *O Turista Aprendiz* (1976 [2015]) e *Remate de Males* (1930 [1986]). As incursões do poeta pelo Norte do Brasil, realizadas na década de 1920, tornam-se não apenas registros de deslocamento geográfico, mas também exercícios de observação cultural que ultrapassam o plano documental. Ao percorrer rios, fronteiras e comunidades amazônicas, o escritor paulistano dá forma a um repertório estético que reelabora, poeticamente, aquilo que testemunha. Assim, sua obra emerge como espaço de interpretação e reconstrução simbólica da Amazônia.

A viagem empreendida por Andrade, frequentemente descrita com uma combinação de humor e severidade crítica, estabelece uma perspectiva singular sobre o país. O poeta não se limita à curiosidade folclórica ou ao exotismo; ao contrário, realiza um movimento de aproximação, evidenciando tensões sociais, políticas e culturais que marcam a região. Em *O Turista Aprendiz*, a narrativa poética mistura surpresa, fascínio e desconforto, compondo um quadro sensível das relações humanas, das paisagens fluviais e da complexidade da vida amazônica. Esse gesto revela o que Ricoeur (1990) denomina “mundo da obra”: a capacidade da escrita de abrir possibilidades de interpretação e reinscrição do real.

Ao mesmo tempo, *Remate de Males* transforma em poesia os elementos observados durante a viagem, convertendo dados culturais, ambientais e simbólicos em imagens que constituem uma “construção discursiva” da Amazônia, para usar o termo de Ana Pizarro (2012). O poeta elabora, nesse conjunto de poemas, um imaginário que articula o local e o universal, fazendo conviver referências amazônicas com geografias estrangeiras e mitologias pessoais. A Amazônia torna-se matéria estética, mas também espaço de reflexão sobre identidade, pertencimento e multiplicidade.

A perspectiva modernista de Andrade é fundamental para compreender esse processo. Ao rejeitar modelos eurocêntricos e voltar-se à realidade brasileira, sua escrita insere-se na dinâmica cultural de um país que buscava se repensar fora das margens coloniais. A Amazônia, antes relegada a um imaginário distorcido ou romantizado, ganha densidade e espessura literária, surgindo como território vivo, complexo e historicamente situado. Nesse sentido, a viagem não é mera circunstância biográfica, mas fundamento de um projeto estético que se entrelaça com questões identitárias e nacionais.

A partir desse enquadramento, torna-se possível formular a problemática central deste estudo: de que maneira os elementos da cultura amazônica são incorporados por Mário de Andrade na narrativa de *O Turista Aprendiz* e na poética de *Remate de Males*? Tal questão envolve examinar não apenas os conteúdos culturais explicitamente representados, mas também a forma como esses elementos são reorganizados no interior da linguagem literária. Trata-se de compreender como a relação entre autor,

obra e público — categorias fundamentais da crítica literária — estrutura um diálogo entre estética modernista e mundo amazônico.

Para responder a essa indagação, consideramos que a obra andradeana não pode ser vista como um produto fixo, mas como um “sistema vivo de obras”, segundo Antonio Candido (2006). A tensão entre forma e matéria, entre experiência e elaboração poética, evidencia que a Amazônia, em Andrade, não é mero pano de fundo. É, antes, um território que solicita o escritor, que o transforma e que reaparece na escrita como campo de invenção. Assim, investigamos como a poesia e a prosa de viagem constroem uma cartografia sensível capaz de revelar a complexidade humana e cultural do Alto Solimões.

Por fim, este trabalho propõe que o gesto de Mário de Andrade ao representar o Norte do Brasil ultrapassa o registro etnográfico ou turístico, configurando-se como um exercício de reinvenção do país por meio da literatura. A Amazônia, ao ser mapeada poeticamente, torna-se espaço de reencontro entre o Brasil e seu “outro Brasil”, aquele tantas vezes silenciado, incompreendido ou reduzido a estereótipos. Nesse trajeto, o poeta se desloca, se multiplica e, como sugere seu célebre verso, torna-se “trezentos”. A presente pesquisa, portanto, busca acompanhar esse movimento para compreender como a escrita andradeana reelabora o imaginário amazônico e redefine as fronteiras da literatura modernista brasileira.

2 POETA ANDARILHO

O poeta modernista, na década de 1920, empreende uma jornada ao Norte do país e alcança as fronteiras com o Peru e a Bolívia pelos rios amazônicos. Sobre essa viagem, André Botelho assevera que ela pode ser pensada a partir de dois aspectos:

como meio de descoberta sentimental e intelectual do Brasil, crucial para o projeto modernista que deu vida de tornar o país familiar aos brasileiros; e como meio de reavaliação das categorias de “empatia” e “autenticidade”, centrais na articulação da sua interpretação do Brasil como um todo e particularmente importantes na sua viagem à Amazônia (2013, p.20)

No esforço de interpretar o Brasil, o modernista assume uma atitude contemplativa que se reflete no diário de viagem *O turista aprendiz*, o qual, em conjunto com *Remates de Males*, estabelece diálogos poéticos com imagens e sons da cartografia amazônica desenhada sob a perspectiva de quem explora o desconhecido. As informações sobre a natureza e as peculiaridades do mundo da floresta embriagaram o poeta paulistano e conferiram à sua obra um matiz que ultrapassa o cultural, alcançando, nesse caso, o sinestésico, pois sua “empatia” traz à ordem do dia a necessidade de o brasileiro conhecer o próprio país.

Com base nos registros poéticos oferecidos pelo escritor, este artigo dialoga com o conceito de cartografia como um mapeamento de identidades — no plural — uma vez que “identidades são



múltiplas e configuram uma diversidade sociocultural amazônica” (Almeida, 2013, p. 28). A cartografia se constrói no horizonte de uma poética altruísta. Percebe-se, nas descrições dos rios, dos homens e da floresta, a delineação de um olhar que apreende a realidade e a “fotografa” no texto de Remates de Males e também de O turista aprendiz. Trata-se de um relato atento aos modos de vida e às privações dos habitantes das localidades visitadas. Contudo, em muitas passagens, a natureza se converte em caleidoscópio diante do artista: uma multiplicidade de movimentos e cores que transforma o cotidiano em um efeito luzidio, captado pelos olhos do poeta e transposto para a narrativa e para a lírica oferecidas ao leitor. Nesse sentido de observar a novidade que causa êxtase aos olhos, podemos descrever e analisar o mundo amazônico mapeado pela poética do escritor modernista como possibilidade de leitura dos aspectos socioeconômicos da região do Alto Javari. Para isso, é necessário observar, mensurar e levantar dados dentro da escrita lírica de Mario de Andrade que permitam reler o texto sob a perspectiva da apreciação de imagens, isto é, ler os poemas e as narrativas que estão impressos nas páginas de suas obras como se fossem fotos de um álbum da realidade social e estética.

3 UM PERCURSO DE VIAGENS E POÉTICAS

Na trilha dos estudos sobre a região do Vale do Javari — entre os quais se destaca Coutinho (1996) —, é possível nutrir, a princípio, uma expectativa histórico-literária orientada ao levantamento de dados e à análise dos registros produzidos pelo modernista Mário de Andrade. Paralelamente, observa-se de que modo texto, autor e obra convergem para a formação de leitores capazes de reconhecer e acolher a alteridade. Em outros termos, a escrita literária do poeta paulistano constitui uma proposta de apreensão empática da realidade circundante, uma estética do desvelamento e da compreensão do outro.

Conforme informações do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju, citado por Walter Coutinho, “a região do Vale do Javari é ocupada por sociedades indígenas de língua Pano, Katukina e ‘Aruák’ (na verdade, Arawá). Além dessas famílias linguísticas, há somente, na margem direita do baixo Javari, uma intrusão Tikúna e, nas margens do Solimões, a presença dos Omágua e Kokáma, de língua Tupi” (1998, p. 14). A população indígena do Alto Javari vivenciou múltiplos contatos com agentes colonizadores, muitas vezes marcados pelo conflito. Tais encontros — ou desencontros — revelaram-se, em grande medida, infrutíferos, dado o caráter combativo dos Mayorúna na defesa de seu território, resistência que, nos primórdios da colonização, impediu tanto a penetração espanhola quanto a portuguesa na vasta região do Alto Solimões. Cumpre ressaltar que, em eventos históricos esporádicos, colonizadores lograram estabelecer contatos com esses povos, e que, desde o século XVIII, o Estado brasileiro já delineava formas de guarnição nas terras onde se localiza, atualmente, o município de Tabatinga.

A partir do relato antropológico de Coutinho, especialmente no que concerne ao povoado de Remates de Males — outrora pertencente ao município de Atalaia do Norte —, observa-se que, já no auge do Ciclo da Borracha, no final do século XIX, especificamente em 1897, o rio Javari apresentava ocupação “até a boca do Itaquai, possuindo navegação a vapor com regularidade até o povoado de Remates de Males, chamado de ‘Santa Cruz do Itecuahi’”. Na época das cheias, os vapores prosseguiram até a boca do Curaçá, de onde se seguia em lanchas até a boca do Galvez” (1998, p. 27). Por sua vez, Alzanir Caldas Magalhães (1978), em memorial descritivo sobre a região do Alto Solimões, assinala que “Remate de Males, nas entranhas da Hileia, florescia, nas terras caídas da foz do Itacoai, em frente a Nazaré, à margem esquerda do rio Javari, do lado peruano” (p. 4), reforçando a permanência desse imaginário nas “memórias e tradições” (idem) da população de Atalaia do Norte. O Ciclo da Borracha representou, simultaneamente, um momento de violência extrema para os povos indígenas e de reorganização econômica e logística da região, convertida em polo de extração e exportação do látex. Conforme apontam Coutinho e Magalhães, esse território foi palco de reiterados conflitos entre seringueiros brasileiros e peruanos, que invadiam malocas, saqueavam alimentos e sequestravam mulheres dos povos originários.

Distante desse contexto de exploração e violência, em maio de 1927, Mário de Andrade empreendeu viagem à Amazônia. Registros presentes em Remates de Males, no poema “Danças” (1924) e em “Eu sou trezentos” (7-VI-1929) evidenciam o influxo da cultura amazônica sobre o processo criativo do poeta. Outro dado relevante é que o itinerário da viagem foi minuciosamente documentado em um diário posteriormente publicado sob o título *O turista aprendiz*. A paisagem e as sensações experimentadas pelo escritor durante sua jornada pelo Amazonas constituem, assim, vetores que atravessam e conformam a tessitura lírica de sua obra, revelando um estranhamento inaugural que, paradoxalmente, se converte em pertencimento poético.

Diante disso, revela-se necessário recuperar a memória histórica do Alto Solimões, sobretudo considerando a escassez de material bibliográfico que articule a viagem de Mário de Andrade ao contexto sociopolítico do Vale do Javari. A releitura da obra andradeana torna-se, portanto, uma estratégia de pensar o local em diálogo com as discussões sobre a Amazônia no cenário nacional. Nesse sentido, o recorte histórico-literário voltado à valorização da memória dos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga, por meio das obras do poeta, configura um modo de refletir sobre “o processo político e cultural desta terra que padece de uma completa ausência de investigação científica e está assolada pelo recenseamento ou pelo beletismo” (SOUZA, 2010, p. 19). Revisitar a obra de Andrade implica, assim, recuperar o olhar do outro sobre a paisagem do Alto Solimões e observar como a representação de um vasto território brasileiro se transforma em matéria estética tanto na narrativa de viagem quanto na poesia.



Cumprer destacar, ainda, que a cultura amazônica, concebida sob um viés específico, pode ser delineada como portadora de um “espírito paradoxal” (Souza, 2010, p. 10), inscrita em um Brasil igualmente marcado por paradoxos — entre pobreza e riqueza, Norte e Sul, modernidade e arcaísmo. A Amazônia, conforme observa Souza, “foi reinventada pelo Brasil, que propôs para ela a sua própria imagem” (2010, p. 13). Em síntese, o modernista brasileiro recebe a cultura do Norte e a transfigura em matéria poética, respeitando o contexto e as particularidades do lugar, gesto que contribui para ressignificar o imaginário nacional sobre a cultura amazônica.

4 UMA CARTOGRAFIA PREMEDITADA

A respeito da grande andança, o poeta justificava a viagem mencionando que seu avô já estivera em Belém quando exercia o cargo de governador de Goiás. Em entrevista concedida a um jornalista da *Folha do Norte*, ao ser indagado se pretendia ir longe, o escritor paulistano respondeu:

Assim, assim. É um passeio sem heroísmo o que fazemos. Estão decididas duas viagens: Amazonas acima até Iquitos e Madeira acima até Guajará-Mirim. Provavelmente daremos um pulo à Bolívia e, tempo sobrando, subiremos o rio Negro e, na volta, visitaremos Marajó (Andrade, 2015, p.397).

A intenção do poeta era desbravar o Norte e conhecer uma outra dimensão da cultura nacional. O trajeto, descrito de modo simultaneamente jocoso e rigorosamente crítico, articulava uma análise da política do período em que visitara as terras amazônicas:

Nada mais apropriado que esta associação, estamos chegando em Tonantins, porto de lenha, missão de franciscanos, mas que pra nós foi um concerto de belcanto. Dois lindos frades italianos, gordos, fortes, às gargalhadas. Estávamos visitando as instalações, escola com quarenta alunos atuais, posto de profilaxia contra maleita, fechado porque o Governo não mandava mais remédio, o igrejão e roçado por detrás com jardimzinho e goiabas, quando chega frei Diogo, fazendo um barulhão, e convida pra entrar na casa dos padres. Entramos. Limpeza, higiene, café. Na sala, um piano. Frei Diogo, sem mesmo perguntar quem éramos, foi logo convidando pra fazer música (Andrade, 2015, p. 112).

Os elementos descritivos da narrativa de Andrade remetem ao que Paul Ricoeur denomina “mundo da obra”, ou seja, à ideia de que, a partir da tríade discurso—obra—escrita, o texto abre a possibilidade de interpretação do mundo (cf. Ricoeur, 1990, p. 45). As experiências vividas e o contato com os habitantes da região despertaram no poeta um sentimento altruísta, o qual ressurgiu na obra como parte de um projeto estético modernista.

Nesse sentido, é fundamental examinar a escrita do poeta paulistano à luz de três categorias — o autor, a obra e o público — de modo que *Remates de Males* possa ser analisada sob a perspectiva de uma construção literária que articula experiência, representação poética e recepção, pois



entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (Cândido, 2006, p.13-4).

Nesse esforço de compreender os elementos internos e externos da obra aqui analisada, as categorias de público e de autor têm por finalidade evidenciar, de um lado, a relação do escritor com o possível propósito político esboçado no texto e, de outro, a interação com o leitor, que consome a produção literária e a reelabora. Contudo, não se pode ignorar a concepção segundo a qual “o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria — ambiente, costumes, traços grupais, ideias” (Candido, 2006, p. 14) ou se se configura como elemento estético em *Remate de Males*.

Além disso, é necessário considerar que a matéria e a forma da obra de um autor dependem da tensão existente entre suas aspirações mais profundas e a consonância com o meio, configurando “um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público” (Candido, 2006, p. 84). Tal dinâmica também pode ser observada em outra passagem de *O turista aprendiz*:

Nisto veio vindo uma tapera, caindo já, sem ninguém. Na frente uns restos visíveis de jardim. O homem tirou o lenço do bolso, e com gestos largos, foi dizendo adeus. E a tapera já desaparecia lá longe, e ele, silencioso, com aqueles gestos abertos, dizendo adeus, dizendo adeus. Perguntei onde ele ia.

– Pra Remate de Males, sim senhor.

– Um pouco mais pra baixo... Eu tive congestão, o senhor sabe?... Já sarei mas meus olhos só [não] querem fechar! Tenho três filhos...

– Estão lá?

– Estão por aí...

– Mas você não tem família em Remate de Males?

– Um pouco mais pra baixo... por aí... Mas o senhor não sabe um remédio pra meus olhos não quererem mais fechar! por favor!

Me retirei, não aguentando mais aquilo (Andrade, 2014, p.111)

A narrativa de *O turista aprendiz articula* surpresa, dor e embevecimento do narrador diante da natureza. Soma-se a isso um diálogo com o lúdico, bem como a presença de uma composição que reúne fragmentos narrativos ao modo do *bricoleur*, tal como postulou Gilda de Mello e Souza ao analisar Macunaíma, observação que também se aplica ao texto em questão. Com efeito, a escrita de Mário de Andrade é atravessada por um “gesto [que] é norteado por um objetivo lúdico, por uma sensibilidade passiva, e esta se submete, sobretudo, ao jogo das formas” (Souza, 2003, p. 10).

Por meio da literatura, Andrade mobiliza a descrição do comportamento humano como tentativa de aproximação e reconhecimento, reafirmando que o extremo Norte do Brasil lhe era, ao

mesmo tempo, distante e profundamente próximo — um espaço marcado por uma humanidade ainda desconhecida, mas passível de ser compreendida pela via estética.

Passamos pela famosa praia do Bom Jardim, que ainda fornece de três a cinco mil tartarugas no ano. Mujanguê: ovo de tracajá batido com farinha e sal. O mesmo petisco, com açúcar em vez de sal, se chama arabu. Oh minha Caraboo¹ (Andrade, 2015, p.111).

Das iguarias à necessidade de remédios, o poeta paulistano experimentou concretamente a realidade amazônica. Ao chegar a Remate de Males — nome do lugar que dará título homônimo à sua obra —, descreve a floresta e a adversidade climática recorrendo a um estilo simultaneamente espirituoso e descritivo, próximo do registro fotográfico:

18 de junho. Chegada a Esperança, posto fiscal brasileiro. Em frente à margem do Peru. Entrada pelo Javari buscando Remate de Males. Os taxizeiros têm uma floração policrômica que vai do encarnado descendo em cambiantes pelo alaranjado-rosa, o rosado pálido, o amarelo branquicento, o esverdeado claro e enfim o franco verde alface. Falando assim, parece bonito, na realidade não atrai. É nesta arvoreta que mora a formiga taxi. Remate de Males às treze e trinta. O igrejó, torre de zinco. Fazia um calor de rematar. O palácio do lugar é a loja maçônica, e todos acabaram virando maçons por causa da importância do palácio (Andrade, 2015, p. 116).

Quando o poeta descreve a policromia do lugar, observa as atitudes de seus habitantes e, de modo poético, organiza o texto por meio de uma linguagem compreendida “como um material a ser trabalhado e a ser formado” (Ricoeur, 1990, p. 49):

O rio se escurenta em volta, cinza pura, a mancha vive só, com os reflexos rodeando e o foco de ouro laranja em cima, sublime, de violenta grandeza. Só a nuvenzona na frente inda está escura no céu. O resto é azul vivíssimo outra vez, e rosas, marrons, verdes, laranjas, amarelos. Bulhinhos mirins de passarinhos por aí. A brisa curta penetrando em tudo. Um primeiro embaciado na aberta do paraná e uma primeira, prodigiosa volúpia de calma. Dia de calorão vai fazer... Lá pelas nove horas, no mais... A roupa está umedecida. O chão preto da tolda escorre encharcado uma água que não choveu. E o grito bem riscado, firme do bem-te-vi. Trinados na margem baixa, a estibordo, movida atrás pelo zigue-zague dos ramos das castanheiras. Que calma serena... Que mundo de águas lisas, fluidas... Que espelho claro... As caiçaras nos portos... Uma ausência plena de inquietações, de audácias, de Pireneus ambiciosos... (Andrade, 2015, p. 143).

Em suma, pode-se afirmar que o texto de Mário de Andrade incorpora a compreensão de que “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (Candido, 2006, p. 84). Dessa forma, a viagem empreendida pelo poeta resultou tanto em *O turista aprendiz* quanto em *Remate de Males*, configurando um conjunto de narrativas e poemas que dialogam esteticamente com o ambiente amazônico.

¹ MA recorre ao refrão do sucesso no Carnaval de 1916, “Ó minha Caraboo...”, adaptação, por Alfredo Albuquerque, da canção norte-americana de Sam Marshall, composta em 1913, Caraboo (Amores de uma princesa).



Percorrer as histórias poéticas de Mário de Andrade significa deixar-se conduzir por uma cartografia que “sinaliza a educação do olhar do leitor perspicaz” (Lopez, 2005, p. 136). A sinuosidade da narrativa fundamenta-se em um expressionismo particular, que, contudo, não exclui o leitor — pelo contrário, envolve-o intensamente em cada linha e em cada traço desse mapa de reencontro do Brasil consigo mesmo e com o “outro” Brasil.

5 UM REMATE POÉTICO

No início do livro *Remates de Males*, o poeta paulistano insere uma frase em latim: “Quid, homo, ineptam sequeris laetitiam” (Andrade, 1986, p.163), que poderíamos traduzir como: “Como o homem inepto persegue a felicidade”. Talvez essa já seja uma pista de leitura para o livro. O autor, na tentativa de alcançar essa felicidade, descreve por meio da linguagem poética o denso e vasto Amazonas.

Além disso, percebemos que o eu-lírico realiza um deslocamento tanto espacial quanto cultural. Há uma universalidade perceptível no texto, uma comparação entre o ambiente externo e outras geografias. À medida que se avança na leitura dos poemas de Andrade, torna-se possível compreender que ele “incorpora uma variedade de elementos (...) [com os quais] se constroem, no discurso, os imaginários sobre a área” (Pizarro, 2012, p.29). Isso pode ser observado no poema “EU SOU TREZENTOS”:

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Abrço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo (Andrade, 1986, p. 165)

A partir do texto de Mário de Andrade, percebemos que os dados sobre a cultura amazônica presentes em *Remate de Males* apontam não apenas para elementos da tradição local, como as “caiçaras”, mas também para uma poética do imaginário que se reconstrói a partir dos espaços amazônicos. Do mesmo modo, observa-se uma universalização — isto é, uma geografia que se espelha no local e no global — como exemplifica a referência aos Pirineus.

Por outro lado, a fugacidade da vida não poupa sequer os deuses; e, caso lhe falem, o poeta sabe onde encontrar outros, neste caso no Piauí, que funciona como metáfora da cultura nordestina. O



jogo estético e jocoso do poema expressa essa multiplicidade de “eus” que dialoga com figuras e rememorações do mundo amazônico.

Sem dúvida, o paulistano tece um diálogo entre estética e Amazônia, pois podemos considerar que nas obras do poeta há um verdadeiro arcabouço de dados sobre a cultura amazônica, especialmente a do Alto Solimões. Como se observa no poema VIII, o jogo de imagens aponta para uma expressão do mundo que ele apreende:

Há terras incultas além muito longe...
Há bichos terríveis nas terras incultas...
Há pássaros lindos nos jequitibás...
O dia ora é claro, ora é escuro...
Zumbidos de abelhas fabricando mel...
Ora os bichos urram,
Ora as aves cantam,
Ora é a flor que abrolha,
Ora a árvore cai...
O céu se escurece. É a tormenta...
Dançam coriscos no céu.
Relâmpagos
trovões [...] (Andrade, 1986, p. 173).

Mário de Andrade ressignifica o mundo amazônico por meio de um modernismo que volta o olhar para dentro, para uma cultura que por muito tempo esteve esquecida ou habitualmente situada no imaginário deturpado da nação brasileira. As “terras incultas” transformam-se, nos versos do poeta, em um universo de beleza e intensidade.

Em suma, se a obra não é um produto fixo, então é possível afirmar que Mário de Andrade, por meio da escrita, relê e recria a cultura amazônica. O poeta elabora aquilo que Ana Pizarro denomina “construção discursiva” (2012, p. 33), isto é, uma construção imagética da Amazônia. A literatura funciona, assim, como vetor para tornar possíveis as “conexões semióticas do imaginário” (Pizarro, *idem*). Nesse sentido, autor, obra e público constituem-se como resultado de uma semiose discursiva do mundo amazônico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a literatura produzida por Mário de Andrade integra-se ao surgimento de uma “nova realidade criada em um novo contexto social e histórico, diferente do europeu em geral” (Coutinho, 2004, p. 303). A arte literária brasileira assume contornos próprios, e é nesse horizonte que a escrita do poeta “desvairado” — especialmente em *Remate de Males* — se inscreve como um projeto estético ancorado em um olhar afetivo e inquieto sobre a região amazônica. A lírica andradeana revela um conjunto de referências contextuais que emergem não apenas dos elementos linguísticos, mas



também da própria arquitetura dos poemas, instaurando a Amazônia como matéria e forma de expressão.

O deslocamento temporal e espacial que marca a poética de Andrade manifesta-se de modo exemplar no poema “Eco e o Desencorajado”, no qual o eco se converte em metáfora da subjetividade confrontada com a vastidão amazônica:

Neste lugar solitário
Onde nem canta o sem-fim,
Choro. E um eco me responde
Ao choro que choro em vão.
Eco, responda bem certo,
Meus amigos me amarão?...
E o eco me responde: – Sim.

Pois então, eco bondoso,
Você que sabe a razão
Por que deixando o tumulto
De Pauliceia, aqui vim:
Eco, responda bem certo,
Maria gosta de mim?...
E o eco me responde: – Sim.

Antes morrer!... Eu me sinto
Tão vazio com este amor...
Não aguento mais meu peito!
Morrer seja como for!
Eco, responda bem certo,
Morrerei hoje, amanhã?
E o eco me responde: – Nhãam... (Andrade, 1986, p. 184).

A experiência concreta do poeta em Remate de Males — antigo povoado da região que hoje corresponde à cidade de Atalaia do Norte — reforça a presença constante desse diálogo entre interioridade e ambiente. Assim, o itinerário poético traçado ao longo do livro homônimo ao povoado do Alto Solimões encontra-se atravessado pela paisagem amazônica, pela floresta, pelos sons e pelo silêncio que reverberam na voz lírica. O “aqui” amazônico contrapõe-se à “Pauliceia” tumultuada, instaurando um jogo contínuo entre partida e retorno, entre o eu que observa e o mundo que o transforma, tanto pela via subjetiva quanto pela inserção social e cultural registrada na narrativa de *O Turista Aprendiz*.

Em síntese, o fascínio provocado pelo contato com esse universo novo e grandioso faz da Amazônia um lugar de reinvenção estética. A poética modernista de Mário de Andrade mapeia esse território como espaço simbólico de um Brasil que se reencontra consigo mesmo; um Brasil que, ao olhar para suas margens, redimensiona seu centro. Ao deslocar-se, o poeta aprende, reaprende e multiplica-se — por isso pode ser “trezentos”, pode ser “um”, pode ser também “o desencorajado”. Assim, sua obra converte-se em uma cartografia sensível da cultura amazônica, na qual literatura, viagem e imaginário se entrelaçam para constituir uma nova forma de ver e de dizer o Brasil.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social da Amazônia. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de & FARIAS, Júnior Emmanuel de Almeida (Org.). *Povos e comunidades tradicionais – nova cartografia social*. Manaus: UEA Edições, p. 28-34. 2013a.
- . Nova cartografia social: territorialidade específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de & FARIAS, Júnior Emmanuel de Almeida (Org.). *Povos e comunidades tradicionais – nova cartografia social*. Manaus: UEA Edições, p. 157-173, 2013b.
- ANDRADE, M. de. Remate de Males. In: ANDRADE, M. de. *De Paulicéia desvairada a Café (Obras completas)*. São Paulo: Ciclo do livro, p. 164-220, 1986.
- . *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. Marco Antonio de Moraes. São Paulo: IEB-USP, 2000.
- . *O turista aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015.
- BARBERO, J. M. *Ofício de cartógrafo travessias latino americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Fundo de cultura econômica, 2002.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOTELHO, A. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.
- COUTINHO, W. *Encaminhamento 171/DAF*. Brasília: FUNAI; Ministério da Justiça. 1998.
- FARES, Josebel Akel. Cartografia poética. In: *Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazônidas*. OLIVEIRA I. de A. de (Org.). Belém: EDUEPA, 2008.
- LIENHARD, M. *La voz y su huella*. México: Casa Juan Pablos, 2003.
- LOPEZ, Telê Ancona. *O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2.p. 135-164. jul.-dez. 2005.
- MAGALHÃES, A. C. *Memorial descritivo*. Manaus, 1978.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rido de Janeiro: F. Alves, 1990.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O tupi e o alaúde*. São Paulo:Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- SOUZA, M. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. Manaus: Editora Valer, 2010.